

# O TIRO CIVIL

Orgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes

PROPRIETARIOS: — Anselmo de Souza e Palermo de Faria

Publicações		
Anuncios, cada linha, typo commum	20 réis	
Communicados	60	*
Reclamos	100	*
Artigos	200	*

LISBOA

Quinta feira 26 de dezembro de 1895

Assignaturas	
Lisboa, série de 12 numeros.....	300 réis
Provincias, séries de 24 numeros....	600
Numero avulso.....	50
Paizes da união postal, 24 numeros..	15000

## RESUMO

O tiro nacional. — Atiradores premiados. — Associação dos Atiradores Civis Portuguezes. — Carreira de tiro. — Projecção de caça, por *Baptista de Sá*. — Athlético Commercial. — O arso. — Sociedade Suíça dos Carabineiros. — Tiro federal suíço. — Programmas de gymnastica, por *Pedro José Ferreira*. — Um «tavolazzo» no Piemonte em 1826 : uma caçada aos gallos do matto

## O TIRO NACIONAL

COM o n.º 43 do *Tiro Civil* que hoje publicamos, termina o primeiro anno de propaganda em favor d'uma das mais patrióticas e uteis instituições do nosso paiz, este modesto semanario, que a benevolencia de muitos e a boa amisade de alguns tem auxiliado franca e lealmente, e se não podemos affirmar que é desafogada para nós a situação em que vae começar o anno de 1896, podemos dizer que a idéa que o distincto coronel de engenharia o sr. Antonio Augusto Duval Telles, sendo chefe do gabinete do ministro da guerra em 1890, tornou um facto realiado, tem creado raizes fundas.

O 1.º decreto que se referiu ao tiro civil datado de 28 de maio de 1890 começava por dizer que «era da maxima conveniencia desenvolver entre a população do paiz a instrucção de tiro» e approvava o regulamento das carreiras em que se permittia exercitarem se no tiro ao alvo os individuos da classe civil.

Por decreto de 18 de agosto de 1893, o regulamento para os exercicios de tiro dos individuos da classe civil era alterado de modo a facilitar mais a admissão nas carreiras militares, como havia sido consentido pelo decreto anterior, e permittia se a organização de grupos ou sociedades de tiro, dirigidos por si proprios.

Esta concessão, altamente liberal e em extremo patriótica deve-se ao actual ministro da guerra, o sr. conselheiro Pimentel Pinto, que sempre tem encontrado em El-Rei o mais dedicado e o mais entusiasta defensor do tiro civil e que como atirador eximio, e o melhor entre os atiradores de primeira ordem que já hoje temos, tem contribuido sempre com o mais assiduo exemplo para que entre nós se desenvolva o tiro nacional.

Ao regulamento de 18 de agosto de 1893 se deve, pois, a formação do *Grupo Patria* que foi o primeiro a dar o exemplo organisando-se em 1893, logo depois da publicação do referido regulamento; a este grupo seguiu-se a fundação, em novembro de 1893, da *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes*, em 1894 da *Associação dos Atiradores Civis Estrella* e da *Associação dos Atiradores Civis Portuenses*, cujos socios frequentam regularmente a carreira de tiro.

O 1.º concurso de tiro civil official que houve em Portugal realisou-se em 6 e 7 de janeiro de 1894, apresentando-se no primeiro dia 75 atiradores civis e militares e no segundo 69; o 2.º concurso foi em 29 de junho de 1894 e apresentaram-se no 1.º grupo 159 atiradores e no 2.º grupo 103; o 3.º concurso fez-se em 19 de junho de 1895, concorrendo ao 1.º e ao 2.º grupo 136 atiradores.

Além d'estes concursos officiaes, realisaram-se os dois concursos promovidos pela *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes*, commemorando os anniversarios da sua fundação, o 1.º em 25 de novembro de 1894, em que se apresentaram 30 atiradores, o 2.º em 10 de novembro de 1895, em que fizeram fogo 40 atiradores da *Associação* e 91 diversos. N'este mesmo dia realisava-se em Chaves um concurso de tiro civil, em que tomaram parte 43 atiradores.

A historia do tiro civil em Portugal é, por emquanto, uma pagina apenas; oxalá que antes de findar o seculo possa encher um bom volume.

Os nossos esforços e os nossos sacrificios ficarão largamente compensados, se conseguirmos ver realiado este sincero e ardente voto.

## ATIRADORES PREMIADOS

### SEGUNDO GRUPO

Alvo—Normal de 200 a 400<sup>m</sup>, de 0<sup>m</sup>,90 por 1<sup>m</sup>,80

Todas as armas

#### 4.º premiado



Agostinho Manuel de Souza

Nasceu a 9 d'abril de 1847, em Monção, do Minho. É commerciante estabelecido em Lisboa desde 1870. É socio da *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes*.

No primeiro concurso de tiro civil em 6 e 7 de janeiro de 1894, foi classificado

no 1.º grupo do 2.º dia em 12.º lugar, no 2.º grupo em 21.º No primeiro concurso da *Associação* em 25 de novembro de 1894, foi classificado em 25.º lugar; no segundo concurso da *Associação* em 10 de novembro de 1895, obteve o 4.º premio do 2.º grupo, sendo o 8.º classificado no 1.º Foi-lhe conferido o diploma de merito do concurso de tiro, e a medalha de *vermel* de applicação na *Carreira*.

#### 5.º premiado



Roberto Roggenmozer

Nasceu em 15 de outubro de 1857, é cidadão suíço e tenente de infantaria do exercito federal, tendo o curso da escola de tiro; é o chefe do grupo de atiradores suíços que assiduamente frequenta a *Carreira de tiro* da guarnição de Lisboa.

No primeiro concurso em 6 e 7 de janeiro de 1894, foi classificado no 2.º grupo do 2.º dia em 2.º lugar, obtendo o premio da *Carreira de tiro*, uma carabina *Coll's*; no segundo concurso em 29 de julho de 1894, foi classificado em 18.º lugar; no terceiro concurso em 19 de junho de 1895, foi classificado em 6.º lugar no 1.º grupo, em 1.º no 2.º grupo e em 3.º no 3.º grupo; este ultimo grupo era o de fogo de repetição com a arma de guerra K. 8<sup>mm</sup> m/1886. Foi premiado n'este ultimo grupo com uma salva de prata, premio da Camara Municipal de Lisboa, não tendo premio nos outros por ser estrangeiro. N'este ultimo concurso obteve ainda a medalha de prata, premio da *Carreira*.

## Associação dos Atiradores Civis Portuguezes

### 2.º convocação

Não tendo reunido por falta de numero a assembléa geral em 19 do corrente, é esta novamente convocada por ordem do ex.<sup>mo</sup> sr. presidente para o dia 27 de dezembro, ás 8 horas da noite.

*Ordem do dia:* Apresentação de um projecto de reforma de estatutos e eleição dos corpos gerentes.

O 1.º secretario da assemblea geral—  
(a) José Antunes Pinto.

## CARREIRA DE TIRO

No domingo, 22 do corrente, dispararam-se 1:200 tiros com a arma de guerra.

Hontem, 25, dia de Natal, não funcionou a *Carreira*, nem funcionará no dia de anno bom. A collocação dos alvos era a mesma da sessão passada.

O sr. Agostinho M. de Sousa, no alvo a 300<sup>m</sup>, acertou 9 em 10, com uma *mouche*; no alvo a 400<sup>m</sup>, acertou uma série completa de 10 tiros, e no alvo a 500<sup>m</sup>, acertou 4 em 10.

O sr. Moraes Carvelha, no alvo a 300<sup>m</sup>, acertou 14 em 20 tiros; e no alvo a 500<sup>m</sup>, 8 em 20, com uma *mouche*.

O sr. Joaquim P. Corrêa d'Andrade, no alvo a 300<sup>m</sup>, acertou 13 em 20, com quatro *mouches*; e no alvo *Gungunhana*, 7 em 10.

O sr. Jacintho Nunes Soares, no alvo a 400<sup>m</sup>, 7 acertadas em 10.

O sr. Fraga Pery, no alvo a 400<sup>m</sup>, 8 acertadas em 10 e no alvo *Gungunhana*, 6 em 10.

O sr. Eduardo Rodrigues da Costa, no alvo a 300<sup>m</sup>, 7 acertadas em 10, com duas *mouches*, e no alvo a 500<sup>m</sup>, 3 em 10.

O sr. Carrilho Garcia, no alvo a 300<sup>m</sup>, 6 acertadas em 10.

O sr. Antonio Corrêa Pinheiro, no alvo a 300<sup>m</sup>, 18 acertadas em 20, com uma *mouche*, e no alvo a 400<sup>m</sup>, 6 acertadas em 10.

O sr. Mendes de Gouvêa, no alvo a 300<sup>m</sup>, fez uma série completa de 10 tiros e no alvo *Gungunhana*, 6 acertados em 10.

O sr. João Consiglieri Pedroso, no alvo a 500<sup>m</sup>, 8 acertados em 10, e no alvo *Gungunhana*, 3 em 10.

O sr. J. Ivens Ferraz, no alvo a 500<sup>m</sup>, 9 acertados em 20 tiros e no alvo *Gungunhana*, 5 em 10.

O sr. João Torres, no alvo a 300<sup>m</sup>, 18 acertados em 20 tiros com uma *mouche*.

Todos estes atiradores são da *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes*, e muitos outros em numero de 33, que ao todo dispararam 530 tiros.

Do *Grupo Suisso* o sr. Roberto Roggenmoser, no alvo *Gungunhana*, 6 acertados em 10.

O sr. Emilio Kesselring, no mesmo alvo, 5 em 10.

O sr. Oscar Zuber, no alvo a 400<sup>m</sup>, 9 acertados em 10 tiros.

O sr. capitão Fausto Guedes, de pé, no alvo a 500<sup>m</sup>, empregou 7 balas em 10 tiros.

Do *Grupo Patria* o sr. Gonçalo Heitor Ferreira, no alvo a 400<sup>m</sup>, 8 acertados em 10, com uma *mouche* e no alvo a 500<sup>m</sup>, 9 acertados em 10 tiros.

## PROJECTIS DE CAÇA

(Continuado do n.º 42)

NA America a nomenclatura do chumbo é bastante caprichosa tambem: cotejando a quantidade de grãos n.º 10, de T. O. Leroy & C.º, com a de chumbos do mesmo numero de Chicago, *Shot Tower*, contidos em uma carga regular de 32 grammas, vê-se que existe entre as duas qualidades a differença de 251 bagos, por isso que n'aquella dá-nos 932 e n'esta 681; estabelecendo-se o confronto com o chumbo n.º 8 das mesmas casas, apura-se uma falta de coherencia entre este e aquelle numero, relativa á differença que se aponta, porque esta passa a sêr no n.º 8 sómente de 79 bagos. No n.º 5, então, a desconnexão é enorme: um da-nos 170 grãos e outro 166, havendo a notar-se apenas a insignificante desproporção de 4 bagos.

Na Inglaterra, na escrupulosa Inglaterra mesmo, fabrica-se chumbo de caça de tamanhos eguaes com numeracões differentes, e outro de tamanhos differentes com numeracões eguaes. A propria *Newcastle Chilled Shot Company*, estabelecimento que goza da melhor reputação em projectis de caça, cuidadoso

na regularidade do calibre d'estes, sua numeracão e boa qualidade da materia prima, expõe á venda duas corpulencias diversas de chumbo, ambas numeradas com o algarismo 6, dando uma grossura, na carga de 32 grammas, 307 bagos, e outra 342.

Na *Lane and Nesham*, de Londres, chumbo n.º 10, em carga egual, conta 1125 grãos, e o do mesmo numero da *Newcastle Chilled Shot Company* dá 970, ou menos 155.

O chumbo n.º 10 que se faz em Paris dá, servindo de base a mesma carga, 1193 grãos e o de Lyon, d'igual numero, 556, metade, com pequena differença relativa, da quantidade de bagos que accusa o chumbo de Paris. Mas ha outras differenças maiores ainda.

O chumbo n.º 12 inglez e o do mesmo numero parisiense, no peso das 32 grammas, denunciam entre si uma differença tão consideravel, tão extraordinaria, que os espiritos menos incredulos tem chegado a duvidar d'ella; aquelle, por mais que se conte e torne a contar, não dá mais de 1428 bagos, e este, attemtem bem na prodigiosa discrepância, não dá menos, nada menos de 6:016!

Na nossa terra o chumbo n.º 12 diverge não pouco d'um e d'outro, como divergem outras numeracões; essa carga d'este nosso chumbo comporta 1:232 bagos, ficando mais proxima, como se vê, do chumbo inglez do que do parisiense.

Como se estas differenças e muitissimas mais que ao deante apresentaremos não fossem ainda sufficientes para desnortheastear os caçadores, sobre o uso que devem fazer do chumbo de caça, succede mais que, em outras partes, a numeracão segue o sentido perfeitamente inverso, como em Turena e no Orleanez onde o chumbo mais miudo é marcado com o zero e o de maior corpulencia é numerado com o n.º 12.

O chumbo fundido no Porto, talvez por não existir aqui senão uma fabrica destinada á sua fundição, tem, valha-nos ao menos isso, uma numeracão unica, regular, para cada calibre, embora o que se acha á venda nos estabelecimentos de retalho onde, como dissemos, quasi todo trocado em seus numeros, devido á falta de cuidado que se observa nos dirigentes d'esses estabelecimentos que não põem duvida em marcar com o algarismo 5, por exemplo, um chumbo que se pede d'este numero e que elles, por não o terem, fazem promptamente substituir por outro qualquer que, ás vezes, não é sequer d'um numero proximo.

E o caçador que o não conhece assim é ludibriado, e o caçador que não pode pessoalmente ir escolhê-lo, assim é, ás vezes, transtornado em seu designio e obrigado, principalmente morando longe ou não podendo mandar trocá-lo, a fazer uso d'um chumbo que não desejou comprar, d'um chumbo que não julga adequado á caça a que tem de o applicar por força, e que já não pôde ser apontada com verdadeira fé de ver abatida pelo tiro que não lhe deixaram carregar como elle queria.

No estabelecimento fabril o chumbo mais grosso é marcado com *BBB* e o mais miudo com o n.º 12; alem d'este ha outro mais miudo ainda, uma miscellanea de globulos miudissimos e metralha e outras missangas, que poderá ser empregado, mesmo assim, contra a vida dos passarios.

Porto—Dezembro, 1895.

(Continúa.)

Baptista de Sá.

## ATHENEU COMMERCIAL

### Concurso de tiro

REALISA-SE no domingo 29 do corrente na séde d'esta sociedade, rua das Portas de Santo Antão, um concurso de tiro reduzido cujo programma é o seguinte:

Armas—*Flobert, Remington, Merwin, Colt's, Winchester* (modelo de tiro reduzido).

Distancia—12 metros.

Alvo—Circular de zonas.

Numero de tiros—10.

### Condições

1.ª—A inscripção dos atiradores começará no dia 25 do corrente, e fechará meia hora depois de começado o concurso.

2.ª—Só é permitido o tiro a braços e em pé.

3.ª—A classificacão será feita pelo numero de pontos obtidos nas zonas do alvo.

4.ª—Os desempates serão feitos por séries de 5 tiros.

5.ª—Não serão válidos os tiros que acertarem fóra das fachas verticaes do alvo.

6.ª—Não é permitido o uso de alças de precisão.

Lisboa, 21 de dezembro de 1895.

## O URSO

(Concluido do n.º 42)

A Russia é quasi o unico paiz da Europa que possui ainda alguns ursos sérios. Os plantigrados dos Alpes e dos Pyreneos não serão em breve mais do que uma recordação cynegetica. Na Hespanha mesmo, o formoso urso das Asturias torna-se menos feroz e mais raro.

Com um carapuço vermelho executa docilmente um bolero comico debaixo da janella d'uma andaluz e, na montanha, basta algumas vezes apenas o ruido de castanholas para que se occulte entre as moitas, onde scisma, taciturno e vencido, na decadencia da sua raça quasi extincta.

Se da Europa passamos á Oceania, encontramos o urso malaio que não se parece com outro qualquer urso da creatura.

Manjar delicioso, é caçado com o mesmo entusiasmo pelo indigena e pelo europeu. Se escapa ás lanças e flexas do primeiro, é para cair sob as balas do segundo.

E' o mais pequeno, o mais gracioso; o mais delicado e o mais familiar dos plantigrados conhecidos. N'uma palavra, é um urso de Lilliput ao lado do grande urso polar, e sobretudo do colossal urso cinzento das Montanhas Rochosas.

O urso da Malasia é preto avelludado, com pontos avermelhados. E' fino e vivo, alegre, qualidades essencialmente extranhas, como se sabe, ao commum dos ursos.

Tem quando muito a pesar-lhe na consciencia um cadaver de esquilo ou passaro, mas é muito guloso de raizes odoríferas e fructos perfumados. O mel é para elle o melhor de tudo. E' solitario, sem ser feroz e gosta de dormir a sésta á sombra d'um bosque de acacias.

Uma particularidade singular caracteriza o urso malaio. Tem os labios compridos e elasticos á maneira dos tapirs, como se a natureza tivesse querido ap-

proximar-lhe da bocca os frutos e as raizes de que é tão ávido.

Não ha nada mais gracioso do que uma familia de ursos malaios. E' curioso ver a mãe brincar ternamente com a patta e focinho com aquellas pequenas bollas pretas que lambe, sem descanço, como se receasse que perdessem o brilho e a belleza.

O urso da Russia, regalo classico dos caçadores moscovitas, não é um manjar vulgar. Este plantigrado não deixa de ter merecimento culinario.

Depois de terem sido energeticamente tratados, os filetes e costelletas d'urso preparam-se como as de veado o que pode ser humilhante para este principe das florestas. A perna da fera é muito apreciada. Pica-se com cuidado e põe-se de escabêche tres ou quatro dias.

A cauda do urso: uma suspeita, uma illusão, uma ironia, é ao que parece em gastronomia moscovita um prato de czar. E' o prato de honra que se offerece nos grandes jantares de caça á dona da casa. Mai encheria um pires do Japão, mas é, dizem, uma delicia para o paladar.

Sabem, porém, os nossos leitores, porque o urso não tem cauda, ou a tem tão pequena que não vale a pena mencioná-la?

Uma graciosa fabula que os caçadores da Laponia gostam de contar.

Uma fina raposa da Laponia, farta do peixe que tinha apanhado n'um lago, foi passeiar á floresta para fazer a digestão. Na bocca sensual levava um peixe magnifico que guardava, como prudente gulosa, para a hora da sésta.

Aparece um urso esfaimado e magro. — Comadre raposa, exclama elle admirado, onde achaste esse soberdo peixe? Como fizeste para o apanhar?

— Foi muito simples, replicou a raposa em tom modesto. Metti a cauda no lago e os peixes vieram logo. Tirei-a rapidamente e comi-os.

— E' engenhoso, declarou o urso, vou experimentar.

— Tu? replicou a raposa com alguma ironia, duvido que saibas fazel-o.

— Faremos, tornou ousadamente o plantigrado ferido no seu amor proprio. Acompanha-me á borda d'agua. Não sou um imbecil . . .

A raposa acompanhou o urso até ao lago, fez um buraco no gelo com uma pedra e disse ao urso que metesse a cauda, comprida e elastica n'aquelle tempo como a de todos os ursos da Laponia.

A fera seguiu o conselho e a raposa foi tranquillamente dar uma pequena volta pela floresta. A sua alegria admirá todos os animaes.

Ao voltar, o urso está no mesmo lugar e, na verdade, seria difficil estar n'outra parte; a sua bella cauda está completamente gelada no lago.

Vendo isto, a esperta raposa, desata a gritar com todas as forças. Os laponios correm e a raposa diz-lhes:

«Veem, meus amigos, aquelle ladrão de peixes. Avancem sem receio e agarrem o urso!»

Os laponios não se fazem rogar. Arremessam-se sobre a fera para a matar.

Desespero e traicão! O urso assustado levanta-se tão bem e com tal força que a cauda parte-se como um simples fio, mas o urso está salvo. A vida vale bem uma cauda, certamente.

E' desde então, acrescentam os caçadores laponios, que os ursos deixaram de ter cauda.

## SOCIEDADE SUISSA DOS CARABINEIROS

ESTA associação, que é a maior das sociedades da federação suissa, e se tem desenvolvido successivamente de anno para anno, termina o anno de 1895 com cerca de 1.100 secções e 50.000 associados.

Exemplo de patriotismo que deve ser seguido em Portugal e que assegurando a autonomia da patria lhe permittiria afirmar os seus direitos em todas as possessões de alem mar.

## TIRO FEDERAL SUISSO

Em ROSARIO (Republica Argentina)

O *Diario Argentino*, dá-nos noticia d'esta festa realisada pelo colonia suissa em Rosario:

A nova carreira de tiro dos atiradores Rosarianos está situada a uma boa legua para o sul da cidade no prolongamento da Calle San Martin. D'ali a alguns passos, atraz da estrada, levanta-se o portão da entrada e por detraz d'este o chalet dos atiradores. N'uma vasta e magnifica sala encontra-se de um lado o bufete, no outro, á direita, ergue-se uma pyramide sobre a qual estão expostos os premios, magnificos objectos, que fazem palpitar o coração do atirador. No domingo 29 de setembro entrou ali a vanguarda dos atiradores de Buenos-Ayres que era seguida da sociedade de cantores e da banda de musica de San Jeronymo.

Estava uma manhã lindissima, o sol dardejava os seus mais brilhantes raios de fogo no ceu limpo de nuvens, quando a pequena tropa dos atiradores suissos de Buenos-Ayres em esplendidos carros, se dirigiu á carreira de tiro atrahindo a curiosidade do publico pelas fardas que vestiam. Deante do portão do campo da festa formou o cortejo á frente do qual se achava o dr. Eckerlin com a bandeira suissa. Na entrada do chalet foram recebidos pelo presidente da festa, o sr. Henzi que com palavras eloquentes, adequadas ao acto, lhes deu as boas vindas e offereceu um copo d'agua. O dr. Eckerlin respondeu que este pequeno grupo era apenas a vanguarda dos atiradores de Buenos-Ayres e offereceu-lhes com satisfação que a bandeira era um presente das senhoras de Montevideo e devia ser içada ao lado da dos atiradores Rosarianos. A solemnidade terminou com um «Viva a Suissa», «Viva a Republica Argentina». No *stand*, as detonações das carabinas principiarão ás 8 horas da manhã. Ao jantar, que foi de 150 talheres, ao meio dia, fez um notavel discurso o presidente da festa, o sr. Henzi. O hymno suisso e o hymno argentino foram ouvidos de pé. Os outros oradores foram o sr. Chiesa, presidente da associação dos atiradores suissos de Rosario e sr. Zenata. De manhã chegaram mais duas bandas de musica e muito povo.

Durante a tarde organisou-se uma pequena festa popular. Sobre um estrado apresentaram-se os gymnastas suissos de Rosario ao som da banda de San Jeronymo. Todos os logares dentro e em rodada do chalet estavam occupados pelo povo muito satisfeito. A primeira taça foi ganha pelo sr. dr. José Mangiante.

A noite, ás sociedades dos gymnastas e cantores de Rosario offereceu uma soíree a sociedade sua irmã de San Jero-

nymo. Ao banquete assitiram cerca de 60 pessoas. Dois telegrammas de saudações foram lidos, um do ministro o sr. Rodé e o outro da sociedade dos atiradores italianos em Buenos-Ayres. A organização da festa foi muito louvada, e mantendo-se a antiga e habitual disciplina dos atiradores suissos não se deu nenhuma desordem.

A imprensa de Rosario e Buenos-Ayres dedicaram a esta festa os mais sympathicos artigos.

Na quinta feira atirou-se muito, não havendo menor animação do que nos dias anteriores. Pela manhã chegou um enorme grupo de colonos com mulheres e creanças que muito animaram, durante a tarde, o local da festa. A presença d'estas formosas mulheres e creanças da familia dos atiradores trouxe consigo a alegria á festa dando-lhe o caracter excepcional e unico das festas de tiro suissas. Ao anoitecer chegou o grosso dos visitantes do interior da provincia de Santa Fé, com uma banda de 33 musicos de San Carlos. Immensa multidão festejava os recém-chegados atiradores suissos vindos de Humbolos, San Carlos do Sul, San Jeronymo del Sauce etc., etc.

Durante todo o trajecto até ao local da festa ouvimos de todos os lados os gritos: *Viva el tiro suizo*.

O dono do restaurante da *Sala dos imperadores* que possui a maior sala da cidade offereceu ás bandas de musica um magifico copo d'agua que correu optimamente, reinando sempre o maior entusiasmo. Os rosarianos tiveram as maiores attentões com os seus amigos da provincia. O dono do estabelecimento dava a todos os assistentes tudo de graca; era a sua saudação aos suissos da Republica Argentina pela sua patriotica festa.

Um dia esplendido foi o de quinta feira (dia da festa). Já pelas 7 horas da manhã diferentes grupos de atiradores andavam de pé e em carros atravessando as ruas da cidade para se encontrarem no *Café del tiro suizo* na Calle Corrientes. Foguetes e tiros de canhão lhes annunciavam o *bom dia*; a musica italiana chegou e em seguida a musica de San Carlos. De toda a parte chegavam delegações de diferentes sociedades de atiradores com as bandeiras; os grupos dos marcadores e tapa-ballas formavam o cortejo. A's 8 horas chegou a banda militar do 2.º regimento de linha e d'alli a pouco o cortejo poz-se em marcha collocando-se á frente o incansavel Henzi, presidente da festa. Quatorze bandeiras seguiram a bandeira principal suissa que desde então ficou sendo considerada a bandeira dos atiradores suissos de Buenos-Ayres a qual lhes foi offerecida pelas sr.<sup>as</sup> de Montevideo na occasião do tiro federal n'esta cidade. O dr. Eckerlin de Buenos-Ayres era porta-bandeira. A este seguiam-se os atiradores suissos de Calvez, San Carlos do sul, Humboldt, San Jeronimo del Sauce, Alcorta, Emilia, Diamante, Canadá Gomez, Roldan, Marcos Iuarez, Cordoba, Carcarana. Na praça 25 de maio o cortejo da festa fez alto. O sr. H. Henzi, deu os vivas á cidade. O hymno nacional argentino tocou-se e com grande entusiasmo, terminando com um viva a Suissa! Respondeu o perfeito da cidade a toda esta massa de povo sendo calorosamente correspondido pelos cidadãos de Rosario.

O cortejo poz-se outra vez em marcha.

(Continúa.)

## PROGRAMMAS DE GYMNASICA

(Concluido do n.º 42)

## II — Gymnastica militar applicada

2.º — Os saltos são simples compostos e complicados. — Os saltos simples e compostos estão já estudados, fazem parte do programma da escola primaria. — Os saltos complicados, taes como: os do cavallo (já apontados acima), os da vara, os da corda, etc. — Os saltos da vara. — Saltos em profundidade com as mãos á mesma altura. — Idem, com duas varas. — Salto em profundidade com as mãos separadas. — Salto em distancia com as mãos á mesma altura. — Idem, com duas varas. — Salto em distancia com as mãos separadas. — Salto em altura com as mãos separadas.

Nota. — Os saltos complicados podem ser tambem compostos e praticar-se precedidos de carreira.

b) — Exercicios de passagens difficeis (equilibrios, etc.)

As passagens e equilibrios acham-se descriptas com os aparelhos em que se fazem: escada horizontal, trave, pranchas, cordas, etc.

c) — Exercicios de trepar.

Tambem foram descriptos com os aparelhos em que se fazem.

Nota. — Estes exercicios fazem-se: — 1.º, percorrendo cada um por sua vez duas partes da pista sem arma; — 2.º, toda a pista; — 3.º e 4.º, idem, idem, com arma; — 5.º e 6.º, idem, idem, equipado.

C — No campo.

Exercicios em fórma de excursões.

Nota. — Nas excursões procurar-se ha praticar os exercicios estudados no gymnasio e na pista de obstaculos; mostrar aos alumnos excursionistas as vantagens ou inconvenientes que tem os accidentes dos terrenos nas açoes militares, procurar-se ha que elles conheçam algumas das defezas naturaes e artificiaes que possui Lisboa.

Da pratica assidua e gradual d'estas excursões ha a esperar as boas qualidades do soldado como: a resistencia nas marchas e carreiras prolongadas; o endurecimento physico para menos soffrer com a açao dos meios; o modo e a facilidade de vencer os obstaculos, que a natureza apresenta; a coragem e o amor da patria vão crescendo com interesse por estes exercicios, além do desenvolvimento do corpo, o recreio e a instrucção dos sentidos.

Dividir-se-hão as excursões, por agora, em 3 séries, para melhor classificacão:

1.ª série, de 6 a 8 legoas; — 2.ª, de 8 a 10 legoas; — 3.ª, de 10 a 12 legoas.

Tomando por ponto de partida a séde da Associação, a 1.ª série ficará comprehendida na área, cujo perymetro é S. Julião, Oeiras, Conceição, Rio de Mouro, Valle de Nogueira, Loures, Santo Antonio do Tojal, Santa Iria, Aldeia Gallega, Alhos Vedros, Coima, Fernão Ferro e Cabo da Malha. A 2.ª série na área cujo perymetro comprehende: Carcavellos, Albarraque, Valle de Lobos, Almagem, Lousa, Fanhões, Bucellas, Via Longa, Sarilhos Grandes, Moita, Marco Furado, Coelheira e Albufeira. A 3.ª série ficará comprehendida na área cujo perymetro é: Cascaes, Cintra, Cheleiros, Charneca, Milharado, Senhora da Ajuda, S. João dos Montes, Alhandra, Atalaia, Palmella, Azeitão e Cezimbra.

Os itinerarios com os diferentes exercicios, etc., e conselhos serão traçados pelos professores com antecedencia bastante para se matricularem os socios que os desejarem executar.

Estes itinerarios ir-se-hão aperfeçoando, de modo que se tornem exercicios completos e adaptados aos excursionistas e ao fim para que foram traçados. Contribuirá muito para isto todos os apontamentos ou notas que os srs. socios forneçam aos professores.

Exemplo d'uma excursão:

Partida da Associação ás 4 h. da m.; Belem, 5 h.; Caxias, 6 1/2 h.; Oeiras, 7 1/2 h.; almoço, 8 1/2 h.; Cascaes, 10 1/2 h.; descanco, 11 1/2 h.; visita á fortaleza, 12 1/2 h.; Bocca do Inferno, 1 1/2 h.; Cascaes, 2 1/2 h.; jantar e descanco, 4 h.; Carcavellos, 5 h.; Caxias, 6 h.; Belem, 7 1/2 h.; Associação, 9 h.

Nota. — Seria muito para desejar que os excursionistas descrevessem os exercicios e passagens mais importantes das suas excursões.

Pedro José Ferreira.

## UM «TAVOLAZZO» NO PIEMONTE EM 1826

## Uma caçada aos gallos do matto

(Continuado do n.º 42)

Os meus dois tiros tinham acertado.

— Bravo! senhor marquez! exclamou Titano, simplesmente pôde gabar-se de ter sorte; mas não ha que dizer, foram tiros de mestre.

Disse a Titano que muito me lisongeava a sua approvaçao, e metti as duas perdizes na rede, cuidado que os caçadores nunca descuram.

— Agora, excellentissimo, pedir-lhe-hei para carregar a sua espingarda de bala, e isto vem a proposito porque acaba de a limpar de chumbo.

— Não é então brincadeira!

— O que, excellentissimo?

— A camurça...

— Pois bem! excellentissimo, peço-lhe ainda meia hora de grande fadiga; mas o que se chama fadiga, não será passeio de bengala na mão como temos feito até aqui.

Confesso para minha grande confusão, que se Titano não se tivesse lembrado da sua promessa, eu certamente lh'a não teria recordado. Não podia mais, e interiormente mandava de boa vontade a camurça a todos os diabos.

Mas este maldito amor proprio que me tem obrigado a fazer tantas tolices na minha vida, impediu-me de convir que estimaria mais voltar para a cabana de Titano para dormir ahi sobre os meus louros já colhidos do que correr apoz um novo triumpho.

Levei a hypocrisia até a dar o signal de partida, e ainda fiz mais, puz-me a andar a toda a pressa, o que me provocou duas ou tres chalaças do velho caçador, que devo convir, não duvidou um momento do meu falso enthusiasmo.

Contudo o primeiro quarto d' hora passou-se menos mal; mas tornando-se as difficuldades do terreno cada vez maiores depressa tive que recorrer a toda a minha força moral para me não recusar a ir mais longe.

Titano tinha cessado de me mimosear com os seus epigrammas, e para me fazer ter paciencia, contava-me incriveis rasgos d'espirito do seu *epagneul*; afinal vendo-me cada vez mais abatido, disse-me:

— Excellentissimo, tenho duas boas novidades que dar-lhe.

— Ah! respondi com a indifferença das grandes angustias.

— Em quatro ou cinco minutos teremos chegado ao sitio frequentado pelas camurças...

Um segundo ah! ainda mais desprendido das cousas d'este mundo do que o primeiro, foi a minha unica resposta.

— E o que ainda é melhor, continuou, é que sem que o julgue, estamos menos distantes de minha casa do que estavamos ha hora e meia.

Esta nova pareceu-me interessante, e a feliz influencia que exerceu sobre o meu espirito deu-me um pouco de vigor.

— Eis a ultima arrancada, disse Titano repentinamente, mas como diz o proverbio, a cauda é o mais difficil d'esfolar.

Estas palavras fizeram-me levantar a cabeça, e o espectáculo que se offereceu á minha vista não foi de natureza que me alegresse o coração.

A especie de caminho que seguíamos havia alguns instantes atravez de mil

difficuldades estava interrompido bruscamente por um monticulo de neve quasi a prumo.

— Pois que! Teremos de escalar esta muralha? perguntei a Titano com acento do mais profundo desanimo.

— Sim excellentissimo, respondeu-me o velho caçador, tirando da sua immensa bolsa, um machado pequeno, e tres pares de patins, especie de socos de madeira guarnecidos de pregos d'aço.

— Pois bem! francamente prefiro não vêr saltar uma camurça na minha vida.

— Tambem prefere tornar a andar todo o caminho que já fizemos para voltar á minha cabana?

Callei-me mas a minha physionomia exprimiu tão grande consternação, que o bom Titano, que não era muito sensivel, quasi se enterneceu.

— Senhor marquez, me disse, isto não tem de assustador senão a vista. Vou preparar-lhe uma pequena escada de cristal tão appetecivel que bastará vel a para sentir força para a subir.

— E depois, quando estivermos lá em cima?...

— Quando lá estivermos temos cem probabilidades contra uma de que veremos as camurças.

— Que leve o diabo as camurças, exclamei eu impaciente e um pouco vexado.

— Não me deixa acabar, excellentissimo; ia ajuntar que nos bastariam vinte minutos para chegarmos á nossa choupana. Agrada-lhe isso?

— Acredita o que elle te diz, ajuntou o marquez.

— Já dei esta mesma volta uma vez; como tu, não podia mais, pois bem! tive a prova evidente de que a retirada era quatro vezes mais curta.

— Além de que continuou Titano, se vossa excellencia estivesse completamente impossibilitado d'andar, o velho caçador ainda tem os rins bastante fortes para o transportar uma parte do caminho.

A ideia de que poderia soffrer tal humilhação restituiu-me repentinamente toda a minha energia moral, e pareceu-me ao mesmo tempo que me sentia mais vigoroso.

Agradeçi a Titano a sua dedicacão, e disse-lhe que estava prompto para tudo até para matar uma camurça se a occasião se apresentasse.

— Estava certo d'isso, excellentissimo. Agora beba ainda um bom trago de vinho, e amarre solidamente aos pés esses patins guarnecidos de pregos e correeas. Durante esse tempo vou eu fazer a nossa escada.

— *Corpo di Bacco!* accrescentou arrependendo-se, o seu cão vae incommodar-nos! Não tinha pensado n'isso, sou um grande imbecil!

— O meu cão vae transtornar-nos? perguntei, pois bem e o seu?

— Oh! o meu cão temos de nos occupar d'elle, vou fazer-lhe signal para se ir embora. As camurças são os animaes mais desconfiados do mundo, não poderemos aproximar-nos senão arrastando-nos sobre o ventre como lagartos, e comprehende, excellentissimo, que um cão...

— Tem razão interrompeu o marquez. Mas como arranjar as cousas? Não vejo meio algum.

(Continúa.)

Editor responsavel—MANUEL AUGUSTO PINTO

Typ. do Commercio de Portugal—Rua Ivens, 35 a 41